

## Estudos sobre a litteratura

## I

A litteratura como a religião está subjeita á innovações. — Ella existe ; — O que nos cumpre fazer para estuda-la. — Difinição. — Motivos porque não se aceita esta difinição. — Objecção contra a nossa theoria. — Resposta. — Considerações geraes sobre a Litteratura Romana. — Motivos da sua decadencia. — Aplicaçāo. — Conclusāo.

Como a religião a litteratura tem um Templo ; como ella, tem seus sectarios e ministros, e ainda como ella, acha-se subjeita a infallíveis oscillações, em quanto houver no mundo o espirito inovador, em quanto houver no mundo a lei do progresso.

A questão já não é o — *To be or not to be* de Shakspeare. O que nos cumpre fazer é transpassar os combros de trevas que circulam o templo, apartarmos o falso do real para assim attingirmos ao adyto aonde regorgita a verdadeira luz.

Porém, como é necessário para chegarmos ao conhecimento completo d'aquillo que inten-tamos estudar—suscitar questões, levantar duvidas e descrever finalmente, nós diremos n'este primeiro artigo, que cremos em algumas cou-sas, e que em muitas não acreditamos.

Muitos ha que dizem que a litteratura é a fiel expressão da sociedade.

Nós não somos dessa opinião.

Si acaso os factos que se dam no seio da

Muitos ha que dizem que a litteratura é a fiel expressão da sociedade.

Nós não somos dessa opinião.

Se acaso os factos que se dão no seio da familia, e as scenas que se passam no regaço da sociedade fossem inseridas nas paginas d'um romance, ou imitadas no theatro, apenas collaridas pela eloquencia da habil penna do escriptor, si acaso, dissemos nós, assim se desse, então sem duvida alguma que confessaríamos a justeza dessa difinição.

Porém, infeliz d'aquelle povo que admite como real expressão da sua sociedade, o turbilhão de peripécias muitas vezes impuras que a fervente imaginação do tomancista ou dramaturgo, insere nas paginas d'um volume ou arroja ao scenario d'um theatro para fazer cavar de pejo as mulheres e filhas desse mesmo povo !

Poderemos por ventura dizer que é a fiel expressão da nossa sociedade, esses dramas que infelizmente invadem por todos os theatros, e que não teem por outro logar commum si-não a queda da mais honrada espoza ao primeiro beijo do adulterio ?

Poderemos dizer que é a expressão fiel da nossa sociedade aquelle drama em que o autor appresenta um homem (embora embriagado !) querendo subir para o leito da vendida, para n'elle deparar a vergonha de seus dias, na prostituição da sua propria filha ? ! (1)

Ou então um outro que intenta seduzir e macular uma exemplar e honesta espoza, mas que tambem n'ella vae reconhecer sua propria filha ? ! (2)

Por certo que não. Nós pelo menos não cremos na degredação da nossa sociedade.

Mas, nos objectarão :— São factos que podem acontecer, e que acontecem realmente em outros paizes que não o nosso.

Ora si elles ainda não se deram e si já foram levados para o palco segue-se que tal trabalho não é a expressão da nossa sociedade, mas sim effeitos d'uma imaginação que deve ser condemnada, porque introduz māus costumes.

Si é porém a cópia de outra sociedade que não a nossa, então deixem-nos dizer que tal trabalho deve pertencer não a nossa sociedade, mas sim a essa que elle retractou.

(1) Alencar—*Asas de um anjo*.

(2) Dr. Falcão Filho—*O Libertino*.

Ha no berço das nações nascentes um ger-men de destruição qua profundamente se en-tranha no seio da sua civilisação. Esta parti-cula fatal de dissolução, se desenvolve gra-dualmente, a ponto de manietar os braços da mesma nação quando ella chega ao seu apo-geu de glórias, e de arremessa-lo ao depois pelo despenhadeiro da decadencia, ruina e... esquecimento completo.

As civilisações passadas nos provam isto.

Roma, a senhora do universo, baqueou ao peso das suas proprias glórias e poderio !

A voz dos Gracchos, Scipões e tantos ou-tros nesse época já não era mais lembrada.

O que se via então era um imperador que dava as honras de senador ao seu cavallo pre-dileto ; ou o senado que se reunia para deli-berar da melhor maneira de fazer-se um guia-zado ! (3)

As aguias jaziam adormidas para sempre nos seus ninhos as tubas de guerra sem saberem modular estrophes marciaes ; o imperio apodrecendo na volupia, e a turba dos palacianos a corcar de louros a fronte do libertino *Horacio* !

Já não era para admirar que *Virgilio* tives-se entoado :

*O crudelis Alexi, nihil mea carmina curas ?  
Nil nostri miserere ? Mori me denique cogen !*

Ou que *Ovidio* quizesse eternizar no livro dos seus amores a sua impura aventura meridiana. (4)

O germe da dissolução tinha tomado corpo.

A civilisação de Roma já não o acalentava em seu regaço : era elle que então a desfazia com as suas possantes garras.

Embora que nessa época, (em que os es-pírios se achavam agrilhoados pelas violen-cias da tyrania, e que os labios dos homens inteligenes não podiam se abrir publicamente sinão para pronunciar panigyricos vergonhosos,) se surprehenda n'uma das epistolas de *Plinio o moço* o seguinte :

*Jam hoc pulchrum et pene antiquam Sena-tum nocte dirimi triduo vocari, triduo conti-neri !*

Embora ... já era muito tarde.

Roma, nem podia ficar parada, e nem podia arripiar carreira.

Era mister que cahisse... cahiu !

Nada no mundo pode se apartar desta fa-tal lei da natureza : o estado como o homem nasce, cresce, chega ao zenith da gloria, a, depois é infallivelmente necessário que desça pela ingreme ladeira opposta até desaparecer, sumir-se inteiramente da face do universo por entre o nimbo do perpetuo esquecimento ! ...

A Litteratura Romana acabava de pronun-ciar a sua ultima palavra ; e empellida pelos factos materiaes, pelas vexações da tyrania era falsa, não só porque não tinha liberdade, coiso ainda porque eivada das impurezas auli-cas, pintava uma depravação de costumes, e sentimentos que realmente não havia.

Façamos aplicação.

Supponha-se que existe um novo estado, (pouha-se de parte o christianismo) que em-bala em seu collo uma nova civilisação.

Alguem já disse que para ser autor é mister primeiramente imitar.

O Estado é como o homem, por consequēcia ha de seguir infallivelmente esta lei.

Creançā ainda, não pode ter uma litteratu-ra propria, portanto contenta-se em imitar.

Agora pergunto eu : a litteratura desse novo Estado, que não é mais do que uma cópia da Litteratura Romana, pintará real-mente a sua sociedade ? ou por outra, será a sua fiel expressão ?

Vê-se claramente que não.

Por consequēcia é um erro dizer-se que a litteratura é a fiel expressão da sociedade.

Continua.

## VARIÉDADE

CONTOS DA SERRA  
OS HERODES DOS MONTES

## III

Depois de conservar-se por algum tempo silencioso, o sertanejo perguntou ao viajante :

— Ainda não estás com medo ?

— Não, respondeu elle.

Ouça então uma outra historia bem hor-rivel.

E principiou :

Este logar já foi muito frequentado ; desde porém, que cousas tão tristes n'ele se deram, principiou a ficar abandonado.

Vou agora referir-te uma outra das muitas causas.

N'uma sexta-feira sancta estava toda a vil-la na egreja entregue á oração quando um bando numeroso de homens sinistros n'ella entrou em tropel.

O povo, indignado por ver o pouco caso com que os intrusos assistiam á ceremonia religio-sa, principiou a murmurar e a olhar desconfia-do para o bando desconhecido.

De repente um d'elles, de rosto largo, barbas cerradas e pretas, gordo e comprido, e que parecia ser o chefe, disse em voz alta :

« Que sucia de sevandijas ! Estão todos admirados por ver homens civilizados abai-xar-se até o nível d'elles dando-lhes a honra de assistir em sua companhia á esta ceremo-nia. Meus amigos, continuou voltando-se para os seus companheiros, estejam promptos para o que der e vier. »

N'isto o sacerdote, um velho de 70 annos, voltando-se para os forasteiros, exclamou :

— Irmãos em Jesus Christo ! sede attentos á estessacrifícios que celebramos hoje, e admira-ree contrictos a sublimidade do amor do Filho de Deus que tanto soffreu por nós e por nós morreu. Não profaneis....

Não acabou a phrase porque o chefe do ban-do atirou-se para elle e apertando-lhe a gar-ganta, disse :

— Não gosto de sermões ! Podes impingir aos teus comparochianos tudo quanto quizeres, porém deixa-nos socegados.

E deu-lhe tremenda bofetada.

O padre, atordoado com a violencia da pan-cada, cahiu redondamente no chão.

O povo atirou-se sobre o malvado.

O resto do bando veio em socorro de seu chefe e apagou as luzes do altar.

Deu-se então muita bordoada na egreja.

O páu voava de todos os lados.

Os sons das pancadas atroavam os ares. As mulheres gritavam e procuravam fugir, mas em balde, porque estava trancada a porta da egreja.

Foi uma confusão horrivel e um satanico combate.

O povo não tinha armas para defender-se e por isso lançava mão das cabecadas.

De repente, no meio da maior confusão, o chefe e seu bando vendo que era tal o delirio na egreja que o povo esbordoava-se julgando fazê-lo aos intrusos, retiraram-se discretamen-te levando consigo os filhinhos das mulheres desmaiadas e o velho padre.

Quando viram-se fóra da egreja montaram a cavalo levando-os consigo.

Corriam por esta serra como endemoninha-dos.

Entretanto na egreja o sangue corria em abundancia ; os gritos e lamentos dos feridos e das mulheres misturando-se com as imprecações dos que combatiam, faziam um cōro in-fernal e nunca visto.

De repente um grito ainda mais doloroso do que os outros, grito arrancado do fundo d'alma, fez-se ouvir na egreja.

Era o grito das mães que procuravam os filhos.

Os combatentes tomados de subito presen-timento cessaram a lucta.

(3) Domiciano—Imperador.

(4) Canção 5.º do L. 1.º

Um d'elles procurando lume no altar encontrou phosphoros e acendeu as velas.

Novo grito, mas de horror e profunda dôr, echoou pelas abobadas do Templo.

Foi quando o povo reconheceu que em logar da lucta ser com os estranhos fora com os amigos e parentes.

Quando viu cabeças quebradas, braços mutilados, corpos estendidos sem movimentos, mulheres desmaiadas e feridas, uma dôr horrivel confrangeu-lhes o coração.

A profanação fora sacrilega de mais, cumpría que o castigo inflingido aos seus autores e cumplices fosse exemplar.

O povo saiu portanto aos poucos do Templo acompanhando e consolando as mulheres e mães.

Muitos corpos de pessoas de ambos os sexos sahiram d'allí para o cemiterio.

Não tendo aparecido até o dia seguinte nem o velho padre nem nenhum dos salteadores, os aldeões reuniram-se todos, armaram-se, e montando a cavalo dividiram-se em dous bandos, indo um para cima e outro para baixo da serra.

Uma unica mulher acompanhava o bando, e esta seguia o que ia para cima.

Era uma mulher a quem roubaram dous filhinhos na egreja e que enlouquecera de dôr.

Quatro dias seguidos esteve a villa sem um unico homem.

Só mulheres n'ella se viam e estas causavam dô ver-se.

Estavam pallidas, desgrehadas, e pedindo em altas vozes ao céu que lhes entregasse os seus caros filhinhos tão desapiedadamente roubados aos seus affeitos.

Preces continuas, lamentos ininterrompidos, gritos que cortavam o coração, eis o que se via.

Era um triste espectaculo.

Dir-se-hia o dia do juizo final.

Na quinta noite depois que os aldeões partiram em procura dos ladrões, o primeiro bando encontrou-os finalmente, porém tal foi o terror que se apoderou de todo elle, que nem teve animo de fazer cousa alguma.

Os ladrões estavam todos sentados no chão.

O velho padre amarrado a uma arvore, com o corpo todo pintado, estava na extremitade da assembléa com a cabeça erguida para o céu e mudo como uma rocha.

Só de vez em quando um som baixo e quasi imperceptivel sahia-lhe, como que á custo, do peito, e como um protesto da natureza fragil do homem.

A seu lado direito estava uma grande colher pendurada á arvore em que elle estava amarrado.

Ao lado esquerdo havia um grande brazeiro em que ardia um caldeirão que exhalava um edordiabolico.

Os ladrões formavam um semicírculo tendo em uma das extremidades o padre e na outra uma velha mulher cuja cabeça estava completamente desprovida de cabellos.

Esta entoava de pé uma canção lugubre, acompanhando o canto com accionados seguidos.

Terminado o canto, foi ao brazeiro, des tampou o caldeirão, do fundo do qual levantou-se uma densa fumaça com um cheiro nau-seabundo, e encheu uns copos com agua que d'elle tirou.

Entregando então os copos aos seus companheiros, disse:

« Amigos! O fim unico de nossa associação é procurar o philtro que deve eternizar-nos a vida. Já encontramo-lo de ha muito. Nossas forças augmentam-se diariamente com esta beberda succulenta. Ergamo-nos, pois, e encarando o astro da noite, bebamos até ás feszes estes copos que contém a vida e a força. »

Todos poseram-se de pé e iam esvaiar os copos quando unisonamente deram o mesmo grito:

—A's armas! gritaram elles.

Tinham visto e reconhecido os aldeões. Estes atiraram-se com impeto contra os ladrões, aprisionaram-lhes o chefe e mataram aqueles que não conseguiram fugir.

Quando foram soltar o padre, encontraram-no morto com uma punhalada no coração.

A aldean que os acompanhou dirigiu-se então para o caldeirão a vêr o que n'ella se continha. Deu um grito e caiu.

Estava morta. Os homens foram então a seu turno examinar o que seria aquillo.

Juncto ao caldeirão encontraram as duas cabeças decepadas dos filhinhos da falecida.

No caldeirão estavam os restos dos membros.

Carregaram o corpo da infeliz, e do padre, a velha e o caldeirão, e levaram tudo para a villa.

Ahi chegados, e depois de cumpridos os deveres de religião para com os dous corpos, formaram um tribunal composto de anciãos, e para elle levaram a velha e o chefe dos ladrões.

Este contou o seguinte:

« Homem sem instrucción, e ambicionando ser eterno como Deus, ouvi falar muitas vezes n'um philtro até então desconhecido, mas cuja virtude seria de prolongar indefinidamente a vida e dar forças.

Arranjei alguns companheiros propensos, como eu, á vida errante, e principiamos a fazer tentativas afim de descobrir o segredo da vida.

Esta velha, (e apontou para sua companheira) sabendo dos nossos fins veio uma noite ter comigo e disse-me pouco mais ou menos o seguinte :

O que procuraes? A vida? A força? Tudo isto vos darei. Em primeiro lugar, para adquirir-se uma vida eterna, é preciso bebê-la onde ella estiver ainda em começo. Isto só se encontra no corpo do recem-nascido porque este tem-na em germen. Bebendo nós a vida que elle devia ter, possuimos duas, a nosa e a d'ella. Quanto á força, o mesmo se dá. »

Admitti-a á nossa associação.

Não trepidei nos meios de haver crianças. Ha-bastante tempo que isto faço.

Não me arrependo d'isto porque foi o expediente de que lancei mão para obter dinheiro, e o mais que desejava.

Posso agora morrer. »

Quanto á velha, esta repetiu o mesmo que seu cumplice.

Foram ambos condenados á fogueira.

Quando nella entraram ambos gritaram :

« Miseraveis! Só assim conseguiram vencer-nos. Zombámos, porém, por muito tempo de vosso poder. »

Depois um formidavel grito saiu da fogueira.

O que pensas que seria? perguntou o sertanejo ao viajante.

A dôr da morte, respondeu este.

Qual, disse o sertanejo, era peior. O ladrão lá dentro ainda tentou adquirir vida e força e principiou a comer o braço da velha. Eis o motivo do grito. Não acabou, porém, porque caiu morto.

Eis, meu amigo, a triste historia que te disse ser mais terrivel do que a precedente.

Não achas que é exacto?

SILVA GUIMARÃES.

## CORRESPONDENCIA

Acampamento em Luque, 12 de Abril de 1869.

Amigo e sr. redactor.—E' v.s. redactor principal da *Chrysalida*, jornal academic, e portanto, usando da franqueza usual entre nós estudantes, peço-lhe a publicação em sua olha das seguintes linhas :

O Caxias debicou-nos completamente. Nós, alumnos da Escola Militar, temos sido escandalosamente preteridos nas nomeações para officiaes do exercito, com quanto tenhamos já o nosso curso preparatorio concluido na Escola Militar e algum tempo de campanha!

Só muito amor á nossa carreira e á bandeira, symbolo da nossa nacionalidade, é que fazem com que ainda aqui fiquemos, expondo a vida e a saúde, sem resultado algum.

O exercito vae vêr pela quinta vez um novo general em chefe.

Espera-se a todo o momento o conde d'Eu que virá substituir o general Guilherme.

Este, tendo obtido do governo plenos poderes para mandar cumprir as *sentenças de morte*, conceder a já *relaxada medalha do mérito*, promover por distinção até o posto de major e até o de coronel de comissão etc., etc., desconfiando que o governo quizesse com elle jogar uma farça, concedendo-lhe esses poderes e mandando-lhe imediatamente um substituto, apenas serviu-se dessa concessão para decretar uma *geral matança de cães* que infestavam esta villa.

No exercito elle nada fez por temer que o conde d'Eu annulasse as promoções de comissão que elle aqui fizesse.

Prepara-se grande sequito para receber o conde. Todo o Estado maior do general em chefe, os dos diferentes corpos de exercito, e mais dous corpos de cavallaria irão recebê-lo a meio caminho de Assumpção para aqui.

Consta que o conde fixará o seu quartel general nesta cidade.

A guarda de honra que espera-o é composta de quarenta praças comandadas por um capitão.

O exercito caiu em grande descrença desde que cessou de lutar.

O conde d'Eu reanimá-lo-ha?

## NOTICIARIO

### PHYSIÖGNOMIA DA QUINZENA

**Jornal.** — Recebemos os primeiros numeros do *Radical Paulistano* e agradecemos á sua illustrada redacção o offerecimento que nos fez de sua conceituada folha.

**« Imprensa Academica ».** — Recebemos os primeiros numeros desta folha que, intitulando-se o orgão de nossa corporação, appresenta-se de novo em publico com esperancoso porvir.

E' redigida por nossos collegas dos diversos annos academicos e á sua frente está o nosso distinto amigo e companheiro d'estudo o sr. Martins Cabral Moreira dos Santos.

Quando a academia vê-se representada por moços de talento e estudo da força do redactor principal e redactores parciaes da *Imprensa Academica* não podemos deixar de proromper um brado de admiração e orgulho.

E' o que fazemos ao dar esta noticia.

**Fallecimento.** — A 11 horas da noite de 25 do proximo passado mez faleceu o sr. Julio Mariano Galvão de Moura Lacerda, director do collegio União e pae do nosso distinto collega o sr. João Baptista Galvão de Moura Lacerda.

O falecido, pae de numerosa familia, honrado e pobre, entregou a alma ao creador legando a seus filhos um nome honrado, uma reputação illibada e o exemplo d'uma vida toda ella gasta no trabalho.

A sua familia damos os nossos pezames.

**Errata.** — No folhetim do numero anterior onde lê-se — amarrar leia-se — amarar.